

Homenagem

Maria do Carmo Santos Domite: uma Educadora Insubordinada

Júlio César Augusto do Valle¹



"era extraordinariamente perfeito como professor. Interessava-se, pessoalmente, por aqueles com quem tinha de tratar e conhecia tanto os seus pontos fortes como fracos. Tirava de um discípulo o que de melhor o discípulo era capaz. Não era jamais repressivo, sarcástico, superior, nem nada dessas coisas que os professores inferiores gostam de ser. Penso que inspirava a todos os jovens mais capazes com quem entrava em contato – como me inspirou a mim – uma afeição real e duradoura."
Bertrand Russell²

Emociono-me ao reconhecer exatamente as mesmas características em minha orientadora e terna amiga, Maria do Carmo. Parece-me, afinal, que fomos – eu e os demais orientandos da professora – agraciados com o privilégio de ter a orientação, a amizade e o afeto de uma orientadora muito semelhante ao que descreve o matemático. Muito além de um ensaio acadêmico, esta nota, escrita em meio à saudade, transmite minha incomensurável gratidão por ter compartilhado tanto com alguém que, no dizer de Ubiratan D'Ambrosio, sentia uma grande alegria em viver.

Nascida em São Paulo no ano de 1948, Maria do Carmo nunca demonstrou a menor dificuldade de entender as profundas transformações que marcaram todas as décadas posteriores. Harmonizar-se com o mundo, conciliando avessas realidades à sua vontade ímpar de transformá-las radicalmente, pareceu-me, desde que a conheci, ser essa a sua maior virtude. Tratava-se, não há como negar, de uma conciliadora nata, generosa e sensata.

Educar constituiu, então, o caminho único e árduo desta mulher que reconheceu cedo sua responsabilidade com o mundo amado: “estamos sempre educando para um mundo que ou já está fora dos eixos ou para aí caminha” (ARENDDT, 2005, p. 243). Em

¹Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo (USP), julio.valle@usp.br.

²Russell, 1958, p. 91.

MARIA DO CARMO SANTOS DOMITE: UMA EDUCADORA INSUBORDINADA

1969, graduou-se em licenciatura e bacharelado em Matemática – precisamente a disciplina considerada mais fria e austera e, daí, mais carente de conciliadores afetuosos como minha educadora. Não há coincidência.

Posteriormente, titulou-se Mestre em Educação Matemática na Universidade da Geórgia, em 1984, nos Estados Unidos e ainda Doutora em Psicologia da Educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1993, no Brasil. Maria do Carmo lecionou nesta universidade, durante muitos anos, antes da oportunidade de lecionar na Universidade de São Paulo (USP) na cidade onde residia.

Hesitante frente à referida oportunidade, Maria do Carmo conversou com muitos colegas, professores e familiares. Contou-nos, certa vez, não saber como veriam sua tentativa de trocar de universidade. Consultou-se, à época, com uma conselheira e expôs suas dúvidas. A conselheira a exortou a refletir sobre o legado que poderia oferecer aos futuros educandos caso trocasse, de fato, de universidade. Segundo sua conselheira, somente a intensidade, a necessidade e a relevância de seu legado determinariam seu rumo. A educadora comprometeu-se a refletir durante dias, mas encontrou muita dificuldade: os universitários não tinham nenhuma carência social ou intelectual grave. O que poderia lhes oferecer? Sucederam-se dias, mas Maria do Carmo retornou convicta à conselheira: ofereceria *amor* aos educandos, disse. Nada seria mais caro e mais relevante.



No último ano antes de me graduar em licenciatura em Matemática, numerosas dúvidas me afligiam, como, aliás, parecem afligir a todos em seus últimos anos. Todas as minhas certezas esvaziaram-se da razão habitual e senti-me desorientado prestes a concluir um curso em que me sentia particularmente deslocado. Matriculei-me, então, em meu último semestre, em “Educação Matemática”, uma disciplina optativa. Conheci a professora Maria do Carmo como seu aluno nesta matéria e não tardou para que a convivência com esta sábia educadora reafirmasse em mim absolutamente todas as razões que me orientaram à decisão de tornar-me também educador, devolvendo-me a certeza de um sonho.

Pedagogicamente, esta versada harmonizadora transmitia muito do aprendizado freireano decorrente, sobretudo, de seu trabalho com Paulo Freire durante sua gestão na Secretaria de Educação do município de São Paulo, de 1989 a 1991. Pareceu-me sempre, mesmo antes de saber de sua convivência com Freire, que os educandos instalavam-se no

MARIA DO CARMO SANTOS DOMITE: UMA EDUCADORA INSUBORDINADA

centro de suas atenções. Dentro e fora de sala de aula, Maria do Carmo tornou-se reconhecida por seu engajamento político, por sua postura sempre acolhedora, aberta ao diálogo, mas, sobretudo, por sua assunção manifesta, junto a D'Ambrosio (2001, p. 86), de que “os alunos são mais importantes do que programas e conteúdos”.

Não tardou a despertar em mim a curiosidade e, daí, o afeto ao escutá-la falar sobre seu Grupo de Estudos, tornando-me membro deste antes mesmo de concluir sua matéria de graduação. De perto, conheci, então, sua atuação acadêmica e seu desvelo ao pesquisar Antropologia, sempre dedicada a compreender a relação com o outro e a Educação Matemática em suas múltiplas vertentes. À época, envolvi-me com a leitura de sua tese de livre docência. Uma obra rica, pensei! De fato, ainda a considero digna de exames mais cuidadosos, sobretudo porque, além de representar o trajeto acadêmico-intelectual de minha educadora, observo o desenvolvimento e as tensões próprios da Educação Matemática: *da pluralidade aos focos de interesse* (DOMITE, 2005).

Academicamente, Maria do Carmo contribuiu às mais atuais correntes de pesquisa em educação matemática, atuando enfaticamente na resolução de problemas, formação de professores e na Etnomatemática. Com efeito, a educadora tornou-se referência nessa área de estudos ao criar 1998, com Ubiratan D'Ambrosio, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática (GEPEM-USP) e ao promover o Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática (I CBEm), em 2000, de onde decorreram inúmeras atividades de fortalecimento da pesquisa e da prática em Etnomatemática. Foi eleita, então, a primeira presidente da Associação Brasileira de Etnomatemática (ABEm).

Em decorrência de seu reconhecimento da centralidade e da importância da diversidade cultural e linguística para a educação, Maria do Carmo dedicou-se, durante muitos anos, à formação de professores indígenas de muitas comunidades no estado de São Paulo, dentre as quais destaco Guarani, Tupi, Terena e Krenak. A prática de formação e a formação a partir da prática, características do trabalho desenvolvido pela pesquisadora, tornaram-na uma referência internacional em educação intercultural.

Orgulho-me do reconhecimento de que a professora Maria do Carmo antecipou muitas políticas afirmativas e inclusivas ao se dedicar à imersão de diversas culturas na educação e, particularmente, na educação matemática. Minha admiração conduziu-me, então, a me tornar um de seus orientados, ao ingressar, em 2013, no curso de Mestrado em Educação – no momento da descoberta de sua grave enfermidade.

Durante todo o tempo decorrente, tive mais e mais evidências de sua sabedoria e de sua felicidade em viver. “Maria do Carmo era um tipo de pessoa que hoje vai ficando rara, sempre positiva e sempre inteiramente disponível para os outros”, conforme nos reafirma, em sua nota, João Pedro da Ponte. Este reconhecimento conduz-me à constatação de que,

MARIA DO CARMO SANTOS DOMITE: UMA EDUCADORA INSUBORDINADA

em momento algum, minha educadora se subordinou à frieza e à altivez que caracterizam sombriamente a atualidade. O afeto irrestrito caracterizou, portanto, sua marca indelével de rebeldia frente aos desmandos do cotidiano. Tratava-se certamente de uma mulher insubordinada.

Com efeito, inúmeras características marcantes da educadora que mais admirei permaneceram íntegras durante seu momento difícil e sua delicadeza de alma contribuiu muito para a orientação e para a realização de meu trabalho como seu orientando. Concluí meu mestrado em Março de 2015, em um momento de muita fragilidade, tornando-me, assim, seu último orientando a defender um trabalho (VALLE, 2015).

Conviver com a professora Maria do Carmo durante estes últimos anos tornou-se, definitivamente, um marco em minha história e na história de muitos outros e, por esse motivo, seu falecimento me inclina a repensar o sentido de nossa própria existência. Este momento faz-me sentir, como creio que se sentem cada um dos que comigo compartilhou este aprendizado, como um rio, “pequeno a princípio, estreitamente contido dentro de suas margens, a correr impetuosamente sobre seixos e cascatas” e entendo que, aos poucos, “o rio torna-se mais largo, as margens recuam, as águas fluem mais tranquilamente e, no fim, sem qualquer interrupção visível, fundem-se no mar, perdendo, sem sofrimento, o seu ser individual” (RUSSELL, 1958, p. 46).

Emociono-me ao reconhecer enfaticamente que somos todos herdeiros do legado que certa vez, há muitos anos, a professora Maria do Carmo ofereceu aos educandos com quem teria contato, o amor. Convicto de que muitos se dedicarão às mesmas lutas, partilho com esta educadora insubordinada o sentido histórico da existência humana, que ensinou, enfim, a sabedoria de uma vida inteira em prol da vida dos outros.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática** – elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

DOMITE, Maria do Carmo Santos. **O desafio da educação matemática**: da pluralidade aos focos de interesse. 2005. 109f. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

RUSSELL, Bertrand. **Retratos de Memória**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

VALLE, Júlio César Augusto do. **Insubordina-te, educação matemática!** Responsabilidade e paz em Bertrand Russell. 2015. 266f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.



Veja mais em www.sbemrasil.org.br

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA